

Dossiê

ESCRITURA E ESCRITA NA PSICANÁLISE COM CRIANÇAS NEURÓTICAS

Leda Mariza Fischer Bernardino

A partir da proposta de Lacan do Inconsciente como escritura, passando pelas idéias de Freud sobre os diferentes lugares psíquicos de inscrição, propõe-se a função da escrita na psicanálise com crianças neuróticas como transcrição, na transferência, de marcas originárias, para dar lugar a uma leitura e uma nova escrita da história pessoal. Um caso clínico é apresentado para ilustrar essas reflexões.

Clinica psicanalítica; crianças neuróticas; escritura inconsciente; escrita; transferência

WRIT AND WRITING IN THE NEUROTIC CHILDREN PSYCHOANALYSIS

This paper starts from the Lacan's proposition of the Unconscious like a writ, passing by the Freud's ideas about the several psychic parts of the inscriptions and proposes the function of the writing in the neurotic children psychoanalysis: to make a transcription in the transference of the primitive impressions, to give occasion to a reading and a new writing of the personal history. A case is related to illustrate these reflections.

Psychoanalytic clinic; neurotic children; unconscious writ; writing; transference

Para Lacan (1957), o Inconsciente é uma escritura. Neste sentido, o trabalho psicanalítico com pacientes neuróticos poderia ser concebido como uma reescrita. Tratar-se-ia de um resgate dessa escritura inaugural – que é, por estrutura, impossível de resgatar – por meio de uma criação, que funciona como apropriação dessas marcas. Com os significantes que se produzem, a partir dessa leitura do retorno do recalcado que a análise promove, no âmbito da transferência, o analisante reescreve – com seu próprio punho, desta vez – sua história.

Encontramos essa relação entre Inconsciente e escritura nos trabalhos freudianos inaugurais. Na Carta 52, de sua correspondência com Fliess, Freud (1896) faz uma diferenciação na escritura do trabalho da memória, segundo diferentes lugares psíquicos: sinais perceptivos/inconsciente/

■ Psicanalista, membro-fundador da Associação Psicanalítica de Curitiba, analista-membro da Association Lacanienne Internationale, doutora em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano pela USP, professora da PUC-PR.

pré-consciente. As inscrições são formalmente diferentes, segundo cada uma destas partes do aparelho psíquico. Como sabemos, somente no pré-consciente estão ligadas às representações verbais. Finalmente, é em um quarto nível que temos o lugar da consciência. A questão que se põe para Freud é como resgatar estas inscrições do passado e trazê-las para o presente. Segundo ele, será necessária uma *transposição*. Sabemos que essas idéias são as precursoras do conceito de transferência em sua obra. Mais que isso, porém, queremos ressaltar aí a relação que Freud estabelece entre o trabalho do analista e essas inscrições.

Na condução da análise de crianças, temos o privilégio de acompanhar o encontro entre essa escritura inconsciente e a escrita propriamente dita, quando o traçado próprio da criança – que já se dobrou às regras da linguagem – é uma de suas formas de expressão significante. Podemos presenciar a associação livre em ação, nesse conteúdo manifesto que se compõe de letras que já caíram sob o golpe do recalque – pois, ao compor fonemas e palavras, o real da letra se apaga – e dão lugar ao retorno do recalcado nas formações do inconsciente que aí podem aparecer.

Qual pode ser, então, o papel da escrita na clínica psicanalítica com crianças?

Segundo Gabriel Balbo (1991), a escrita é subsequente ao desenho infantil, no qual há uma passagem, justamente, da letra ao significante. Este autor propõe que o traçado do desenho contém traços de uma escritura primordial latente, que remete a um primeiro tempo de leitura do Outro – o qual interpreta e “escreve” no corpo do *infans* –, inaugurando as letras de seu Inconsciente, submetidas ao recalque originário. Num segundo tempo, com a inscrição do Nome-do-Pai – trazendo a significância fálica para a constituição subjetiva do falasser –, é sua vez de começar a “escrever”: primeiramente por meio do rabisco, seguido do desenho e, finalmente, da escrita formal (aquela avalizada pela cultura).

Quando o desenho, ou a escrita, apresenta-se no contexto da análise de uma criança, tem o estatuto de produção significante, está submetido às leis da metonímia e da metáfora, e envolve o analista na busca da carta/letra roubada/desviada, tal qual o investigador Dupin no conto de Poe (1959) “A carta roubada”. Em 1956, Lacan termina um texto sobre o *Seminário* que fez sobre esse conto com uma frase enigmática: “Uma carta/letra¹ sempre chega ao seu destino” (p. 48). Ora, para que o destino não se reduza à repetição sintomática da determinação sofrida, a proposta psicanalítica possibilita o envio dessa carta/letra a um outro endereço: o do analista, daquele que se põe, na cultura, como

o destinatário do Inconsciente. Com esse interlocutor, seria então possível não somente receber e carregar a carta, mas proceder finalmente à sua leitura.

Voltemos então a Freud, que já na sua correspondência com Fliess se questionava sobre a possível transposição de uma inscrição do passado para uma recente, por deslocamento. Ele denomina este processo *transcrição*, já que se trata de uma operação que ocorre dentro de uma mesma língua: “O material presente em forma de traços de memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um *rearranjo* segundo novas circunstâncias – a uma *retranscrição*”² (Freud, 1896, p. 317). A condição para que isso ocorra, como ele define claramente mais tarde, é justamente que haja transferência (Freud, 1917).

Como ressalta B. Moulle (1998), ao desmembrar o termo *transferência* (*Übersetzung*), *Über* significa – além da idéia de deslocamento – a idéia de tradução. Indo mais adiante, podemos pensar que a pré-condição para que essa *retranscrição* ocorra é essa possibilidade de *tradução*, ou seja, mesmo em se tratando de algo que se passa em uma mesma língua, para haver a transcrição de um registro a outro é preciso um tradutor! Mas o que seria isso, de um tradutor dentro da mesma língua?

A transferência implica o encontro com um Outro, suposto destinatário do sintoma. Este Outro estaria encarregado de, segundo expressão de Philippe Julien, “encontrar as palavras para nomear o que se inscreveu em outro lugar” (p. 103).

O analista então *nomeia* (traduz), para que possa ser *lido* (transcrito).

Pode-se entender a função de analista na clínica das neuroses como a desse interlocutor que será encarregado de ler o sintoma: essa produção do sujeito para responder à sua confrontação com o desejo do Outro a seu respeito, resposta que ainda assim fracassa, situando-se entre gozo e sofrimento. O que lhe causa sofrimento/gozo é *alíngua*, como a nomeia Lacan, referindo-se à língua materna no sentido psicanalítico. Diferente da língua de todos, que participa do conhecimento, a língua materna é a língua do saber, do Outro suposto saber de mim. *Alíngua* é, como explicita D. Lachaud (1989), “conceito que a palavra vai clivar na língua em que nem tudo é nomeável ou representável. Há um resto. Esse resto, é alíngua em função, ou seja, o saber; ele irá denunciar um Outro espaço: lá onde isso sabe” (p. 14).

Assim, o analista como sujeito-suposto-saber está no registro da língua de todos. É aí que somos esperados. Mas é realmente aí que devemos comparecer?

Não, pois é de *alíngua* que se trata: há uma Outra cena, de onde vem o saber de que se trata em uma análise. Nosso papel é nomear esta Outra cena e dar-lhe lugar no *setting*.

Sabemos, pois, que, da transferência imaginária que possibilita a entrada no dispositivo analítico, há que passar para a transferência simbólica que dá início ao processo analítico propriamente dito, em que analista e analisante – conduzidos pelo discurso inconsciente que aí vai se desdobrar – são parceiros de percurso. Nesse caso, trata-se de que a criança seja convidada ela própria a ocupar uma posição de leitora dessa escritura singular, que surge à sua revelia, como sugere G. Balbo (1991).

Lacan (1971) refere-se à gênese da escrita, em *Lituraterra*, nos seguintes termos: há uma *escritção* – um gesto que se impõe como traços do Outro, diante do real – que dá lugar a uma *inscrição*, então significante, fundando a dimensão simbólica no filhote humano. Dessa trajetória, resultaria uma *escrita*. São descritos aí dois tempos: um primeiro, real, em que o sujeito, num processo de antecipação imaginária, será levado ao simbólico. Na borda do simbólico, está a letra já como “efeito de um discurso” (p. 113). O segundo tempo é, então, propriamente simbólico, e nele, da junção da letra com o significante, haveria um suporte material para este último, tomado já da linguagem. É nesse momento que o significante dobra-se às leis da linguagem, na operação de Castração. Nesse texto, Lacan situa a escrita, a

letra, no real, diferente do que ocorre com o significante, que está no simbólico. Assim, a letra funcionaria ao mesmo tempo como entrada no real da linguagem e como o resto de um gozo incomunicável, pois “entre gozo e saber a letra faz litoral” (p. 113). Em outras palavras, ele nos precisa que há primeiramente uma escrita, por meio da qual o sujeito é chamado a habitar o simbólico; num segundo tempo, há a junção da letra com o significante. Haveria então uma escrita lógica, impossível de traduzir, que daria origem à inscrição do sujeito na linguagem.

Nesse sentido, para o que é impossível de traduzir resta a possibilidade de nomear: haveria uma marca ali. Apontar isto é função do analista – não se trata de tradução propriamente dita, mas de convite à transcrição! O que nada mais é do que uma nova escrita, a partir desse esforço de leitura e de criação.

Tomemos agora uma ilustração clínica, para acompanhar esse desenvolvimento teórico.

Renato, 11 anos, como muitos pré-adolescentes, reproduz as insígnias de seu tempo em folhas de papel; são palavras e desenhos que compõem marcas e que fazem a significação fálica daquela “tribo”, daquela comunidade, como faziam outrora os escudos.

Chama-me a atenção uma delas: ele a escreve e depois passa um “x” em cima, aparentemente por não estar de acordo com o que pretendia fazer. Um lapso na escrita, formação do Inconsciente: o analista é chamado enquanto leitor.

Nas sessões seguintes, desenha/escreve a mesma marca – trata-se do nome de uma loja de roupas e produtos para skatistas: DROP DEAD. Pergunto-lhe se sabe o que significa, ele diz: “Caia morto”. “É uma gíria do *skate*”, acrescenta, embora não saiba a que se refere. Tento buscar mais associações, nada surge. Função do analista-tradutor: apontar, incidir com seu desejo ali.

Finalmente, numa sessão posterior, ele chega acompanhado pela avó materna e solicita que a avó participe da sessão. A avó, ao mesmo tempo constrangida e curiosa a respeito desse lugar do qual o neto lhe falara, põe-se a falar da história familiar. Conta então a tragédia familiar de seu marido, já falecido. Renato conheceu muito pouco esse avô, tem poucas lembranças dele. Sei, pelo que sua mãe contou nas entrevistas preliminares, que ele era alcoólatra e que ela e os irmãos (um dos quais é toxicômano) tiveram a infância e a adolescência muito conturbadas em função disso, até que sua mãe se separou dele. Esse avô acabou morrendo sozinho, em decorrência do alcoolismo.

Este homem, aos 5 anos de idade, foi com seu pai – mecânico de automóveis – empinar pipa. A pipa prendeu-se num fio de luz, e o pai foi tentar puxá-la com um pedaço de ferro, morrendo eletrocutado diante do filho.

Literalmente, caiu morto.

Quando manifesto minha surpresa com essa revelação para Renato, ele me olha atentamente, sério. A avó chora e diz que seu marido foi muito marcado por essa ex-

periência, provavelmente seu recurso à bebida estava relacionado com isso.

Insígnia paterna transmitida enquanto letra, a partir dessa tragédia que a família não conseguiu simbolizar, Renato trouxe a avó para seu trabalho analítico para realizar sua tarefa de leitura: ela detinha o texto!

O avô e o tio fizeram recurso a um objeto real – álcool, droga – para dar conta de seu lugar nessa série masculina dramática.

Renato, imerso em um processo depressivo, entregue a um supereu materno feroz, defendia-se sintomaticamente por meio de uma enurese noturna – sintoma que seu pai também apresentara, na própria infância.

Vemos a série alcoolismo (1ª geração), drogadição (2ª geração), enurese (3ª geração) implicando o corpo desses homens, herdeiros daquele que “caiu morto”.

A escrita em sessão prosseguiu: na busca agora de uma assinatura própria, em meio à produção adolescente de “tags” à disposição no entorno dele. Ele cria o significante “truc”, que evolui para “Curt” e em seguida para “Boos”. Aí desliza do “truc” – truque (enganação) – à possibilidade de “Curt” – “curtir a vida” – e, finalmente, para esse “boos” – “grito de fantasma, que assusta”.

Mas esse confronto com a letra, sua possibilidade de tornar significante a herança da linhagem materna – em que provavelmente ele se situava na fantasmática familiar –, não deixou de ter consequências reais. Dias depois, na escola, Renato fez um *acting out*: tirou as calças e mostrou as nádegas para os colegas. Estes, muito surpresos, foram delatá-lo para a professora, que havia saído um momento da sala de aula. Ela não acreditou no relato dos outros e foi falar com ele, que repetiu então o *acting*, agora diante dela. Foi então suspenso das aulas, e sua família foi chamada, todos completamente atônitos. A mãe me telefonou para relatar os fatos.

Quando vem à sessão, Renato também está atônito (ou seria melhor dizer, com Lacan, atur^{dito}?) com seu *acting*. Ao tentar explicar o que ocorreu, uma significação depreende-se de sua fala: ele se pusera voluntariamente em uma situação de risco. Leitura que pudemos fazer, em conjunto: foi sua maneira particular de “sentir na pele” essa história tão difícil de seu bisavô. Da mesma forma que urinar-se era uma das maneiras de reagir ao susto causado pelo fantasma. Renato passa então a reescrever essa história, toma uma folha de papel e desenha a cena: o bisavô com a pipa, tendo ao lado o avô, criança, sorridente, o poste e o cano. No verso da folha, produz o seguinte

texto: “Meu bisavô estava com meu avô brincando de pipa, quando a pipa se prendeu no fio de luz e então correu para sua *oficana* pegar um cano de metal. Subiu no poste e cutucou a pipa com o cano levou um choque e caiu no chão. Meu avô ficou muito chateado com tudo isso que aconteceu e esta história foi passando de geração para geração até chegar na minha geração onde minha avó (materna) me contou fiquei também muito chateado! E minha mãe não poderia desabafar com uma profissional, este peso tão grande!”

Reescrita da história que se produz com esse chiste, que seria cômico, não fosse trágico: “*oficana*”... Enfim, criação, metáfora e... página virada.

Terminada sua análise, posso agora pensar que se deu aí, por meio desse *acting*, a travessia da fantasia do “caia morto”, imperativo que deu forma ao significante que o marcou. Renato pôde deixar de “fazer-se de morto” para o desejo e começou a investir nos seus interesses, não sem se confrontar com os planos maternos para sua agenda. Por exemplo, não foi mais às aulas de natação como a mãe queria, para iniciar aulas de tênis, esporte pelo qual era apaixonado, assim como seu pai. À leitura da letra, à produção do texto, seguiu-se o efeito no corpo e o transbordamento do gozo: atravessamento cumprido.

Essa escrita do caso clínico permite ilustrar o papel da escrita na clínica com crianças: o analista como promotor de um processo de leitura no qual, pela via da transferência – que permite a transcrição –, uma

inscrição pode passar de um registro a outro e ser abordada pelas palavras e, portanto, produzir significações. Da escrita inconsciente à escrita da história em análise, o que permanecia como letra pôde ser lido, interpretado, dando lugar aos significantes.

É interessante notar que isso não se dá sem que o corpo aí esteja implicado: do “se urinar” daquele que vive uma experiência terrível e assustadora ao “mostrar o traseiro” afrontador da autoridade, trata-se de um corpo sofrendo os efeitos da letra e do significante.

É a letra em sua função de litoral, fornecendo materialidade para o significante, para barrar um gozo.

Podemos agora retomar nossa questão inicial, sobre o papel da escrita na psicanálise com crianças neuróticas, ou seja, crianças marcadas pela função do recalque. Este recalque age justamente como o que impossibilita essa tradução, essa passagem de um lugar psíquico a outro. Como Freud (1917) bem o marcou, o analista tem como foco a transposição do que é inconsciente para o consciente, ou seja, juntar esses lugares heterotópicos em um mesmo campo. Por meio da transferência, como vimos, produzem-se o deslocamento e uma possível tradução. O analista é o suporte dessas operações.

A *lettre en souffrance* – letra/carta à espera, em sofrimento –, letra que estava aí para ser lida, mas estava “desviada” (*purloined*, como o indica o título original em inglês do conto de Poe)³, foi finalmente lida, chegou a seu destino.

Dessa escrita-leitura-reescrita que aí se promoveu – do riscar a marca à inscrição de um episódio da história familiar –, a surpresa do encontro com o Inconsciente e seus efeitos faz marca na analista, que por sua vez se vê intimada a testemunhar disto e aí se põe no mesmo caminho de Freud: escrever a clínica. Ou, em termos lacanianos, tenta simbolizar o real da clínica, que nos ultrapassa. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Balbo, G. (1991). O desenho como originária passagem à escritura. In Teixeira, Â. (org.) *O mundo a gente traça*. Salvador, BA: Ágalma.
- Freud, S. (1896). Carta de 6/12/1896 a Fliess. In Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad.), Vol. 1. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1972.
- _____. (1917). A transferência. In Conferências introdutórias sobre psicanálise. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad.), Vol. 1. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1972.
- Julien, P. (1990). *Le retour à Freud de Jacques Lacan*. Paris, Editions EPEL.
- Lacan, J. (1956). O seminário sobre a carta roubada. In *Escritos*. São Paulo, SP: Perspectiva, 1978.
- _____. (1957). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In *Escritos*. São Paulo, SP: Perspectiva, 1978.
- _____. (1971). Lituraterre. In *De um discurso que não seria do semblante*. Recife, Centro de estudos freudianos de Recife, s/d (publicação para circulação interna). Aula de 12 de maio de 1971, p. 108 -123.
- Lachaud, D. (1989). A língua materna ou a divisão do sujeito. In Souza, A. M. (org.) *Psicanálise de crianças*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Mouille, B. (1998). On s'y casse les pieds? *Revue de l'Association Freudienne – L'Infantile en Psychosomatique*, nº 22, abril.
- Poe, E. A. (1959). A carta furtada. In *Antologia de contos de Edgar Allan Poe*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.

NOTAS

¹ O termo em francês *lettre* contém as duas acepções, carta e letra, além de permitir a homofonia com *l'être* (o ser).

² Os grifos estão no próprio texto de Freud.

³ Lacan aponta a traição que Baudelaire comete ao traduzir *purloined* por “roubada”, pois a acepção mais fiel ao inglês, segundo ele, seria “desviada”. Neste sentido, *lettre en souffrance* é a carta que fica na posta-restante, à espera de ser buscada, já que se perdeu seu endereço original, além de remeter ao significante “sofrimento” pela polissemia do termo francês.

Recebido em maio/2003.

Aceito em julho/2003.